

Ainda há muitos doentes deixados para atrás no combate ao HIV/SIDA em Moçambique

Emildo Sambo, 20 Novembro 2018



Várias pessoas infectadas pelo HIV/SIDA continuam a ser colocadas de parte no acesso aos cuidados sanitários e são vítimas de tratamento desigual e preconceituoso em Moçambique e no mundo. A situação é, em parte, uma clara violação dos direitos humanos e ameaça frustrar as metas com vista erradicar a doença até 2030, disseram, esta segunda-feira (19), em Maputo, as instituições nacionais e internacionais que lidam com a matéria e apelam para que as acções de combate à pandemia sejam mais coordenadas e orientadas para o respeito dos direitos humanos.

Segundo o presidente da Comissão Nacional dos Direitos Humanos (CNDH), Luís Bitone, passam mais de 30 anos que se luta contra a epidemia global mas as estatísticas continuam a revelar um pesadelo.

Apesar dos progressos registados, nas populações vulneráveis, as mulheres, mormente as raparigas, são as mais afectadas. As crianças, mulheres trabalhadoras do sexo, pessoas com deficiência e idosos são outras vítimas de uma lista que pode ser extensa.

Dessa lista, a directora do programa ONUSIDA em Moçambique, Eva Kiwango, acrescentou os usuários de drogas, que, a par de outros pacientes que vivem com o HIV/SIDA, requerem mais cuidado de saúde e ao acesso aos mesmos deve estar isento de barreiras.

Luís Bitone prosseguiu afirmando que “o desrespeito pelos direitos humanos incentiva o aumento de casos do HIV/SIDA”, o que inibe os pacientes de gozarem dos seus direitos.

Ele apontou como desafios a necessidade de “identificar, mapear e combater práticas

culturais e costumeiras que potenciam a contaminação e propagação” da doença.

“É preciso debater e tomar posição em relação a um grupo de pessoas que são discriminadas: as trabalhadoras do sexo (LGBT), que embora alguns documentos internacionais reconheçam os seus direitos”, no país ainda é um tabu falar do assunto.

O presidente da CNDH considerou ainda ser indispensável “formar os aplicadores do Direito”, porque, segundo explicou, são poucos os magistrados que conhecem com profundidade os instrumentos nacionais e internacionais que promovem os direitos dos grupos a que se referiu.

“Temos ainda instituições frágeis e não actuante” por falta de recursos humanos, materiais técnicos, disse Bitone.

HIV/SIDA não diminui com mais preservativos

Eva Kiwango insistiu na obrigatoriedade de se discutir o problema na perspectiva de agenda global: “se não abordarmos o HIV/SIDA e a tuberculose na vertente da questão dos direitos humanos, não iremos erradicar as infecções em 2030.”

O encontro é um oportunidade para debater as barreiras que impedem as pessoas infectadas pelo HIV/SIDA de ter acesso aos cuidados de saúde, testagem em HIV, tratamento e prevenção.

Para Eva Kiwango, a redução de novas infecções pelo HIV/SIDA não vai reduzir aumentando o número de disponibilidade de preservativos (...). Precisamos ter a certeza de que as pessoas se previnem da vulnerabilidade da doença e que os acesso aos serviços de saúde não enfrenta barreiras, os enfermos não são julgados pela sua condição de infectados, não há medo de percepção da doença e sem riscos para as suas vidas.

O acesso aos serviços sanitários não pode ser no momento em que a pessoa se apresenta em busca de cuidados: há que considerar que barreiras impedem as pessoas de anuir aos serviços, pensar se são atendidas devidamente ou não e com dignidade.

Os interlocutores falavam na reunião sobre “Programas de Direitos Humanos no Âmbito da Implementação do Plano Estratégico Nacional da Resposta HIV/SIDA”.

Doentes maltratados por quem devia cuidá-los

Por seu turno, o secretário executivo, do Conselho Nacional de Combate ao HIV/SIDA (CNCS), Francisco Mbofana, mostrou não ter dúvidas de que em 2030 não é possível acabar com a doença a que temos vindo a referir, “como ameaça de saúde pública, sem abordar os direitos humanos” dos enfermos. com qualidade.

Estas pessoas, assim como os prisioneiros, os homens que fazem sexo com outros homens, pessoas transgênicas estão a ser deixadas para atrás, disse o dirigente, salientando que a violência, o estigma e a discriminação e outros tipos de abusos são atitudes sociais contribuem para a vulnerabilidade ao HIV/SIDA e limitam o acesso aos cuidados sanitários.

Aliás, “o estigma e a discriminação ainda têm consequência terríveis. As mesmas pessoas que deveriam proteger, apoiar e curar pessoas que vivem com o HIV, muitas vezes discriminam-nas (...). É da responsabilidade do Estado proteger a todos”.

Num outro desenvolvimento, Mbofana sugeriu que se examine, colectivamente, por que razão, apesar de tantos esforços nas últimas décadas, a epidemia continua preocupante.

A desigualdade do género continua a minar os esforços para combater o HIV/SIDA nos adolescentes e mulheres jovens em todo o mundo, enquanto muitas populações permanecem altamente infectadas e não dispõem de acesso adequado à prevenção, à testagem e aos cuidados com qualidade.

Estas pessoas, assim como os prisioneiros, os homens que fazem sexo com outros homens, pessoas transgênicas estão a ser deixadas para atrás, disse o dirigente, salientando que a violência, o estigma e a discriminação e outros tipos de abusos são atitudes sociais contribuem para a vulnerabilidade ao HIV/SIDA e limitam o acesso aos cuidados sanitários.

Aliás, “o estigma e a discriminação ainda têm consequência terríveis. As mesmas pessoas que deveriam proteger, apoiar e curar pessoas que vivem com o HIV, muitas vezes discriminam-nas (...). É da responsabilidade do Estado proteger a todos”.

Num outro desenvolvimento, Mbofana sugeriu que se examine, colectivamente, por que razão, apesar de tantos esforços nas últimas décadas, a epidemia continua preocupante.

<http://www.verdade.co.mz/nacional/67406-ainda-ha-muitos-doentes-deixados-para-atras-no-combate-ao-hivsida-em-mocambique->

